

A midiatização da tragédia na boate Kiss em capas do jornal Zero Hora¹

Vera Lucia REBONATTO²
Sônia Regina Schena BERTOL³
Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

Resumo

Transformadas em mercadorias, as informações noticiosas constituem uma realidade fragmentada reduzida a critérios do veículo de comunicação e do jornalista. Este estudo caracteriza-se por analisar, a luz da Semiótica e da Teoria da Midiatização, como o jornal Zero Hora agiu ao noticiar a tragédia na boate Kiss de Santa Maria-RS. A interpretação de cinco capas estudadas aponta para a espetacularização da notícia que induz o leitor a tomar um posicionamento, possivelmente o desejado pelo veículo.

Palavras-chave: Midiatização; jornalismo do espetáculo; arte dramática, Ciência dos Signos.

A Midiatização através do espetacular

A pesquisa que se propõe é focada na tragédia que vitimou 242 pessoas em um incêndio em Santa Maria no Rio Grande do Sul, o incêndio na boate Kiss. O estudo gira em torno do jornalismo do espetáculo, entendido como uma prática que existe aonde há capitalismo, que atrai e que utiliza elementos do ato teatralizado (ALMEIDA et al. 2013).

A pesquisa fornece embasamento teórico para responder como jornal impresso gaúcho, o Zero Hora, midiatizou a tragédia ocorrida em Santa Maria. Se midiatização, a partir dos conceitos de Klein (KLEIN, 2013, p. 35), é a ação da mídia, em que a compreensão se dá, também, no âmbito da mídia e nos processos de comunicação e midiático, então a pesquisa se propõe a analisar algumas das produções do veículo, uma vez que é por meio dos produtos que constrói que a mídia tem a capacidade de transformar a sociedade.

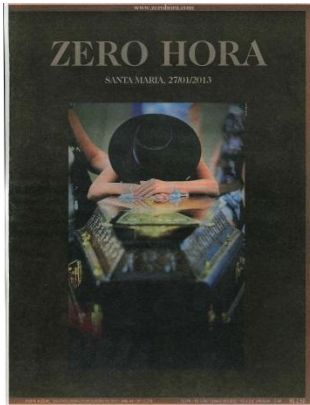
Sendo assim, o objetivo geral é analisar como o veículo agiu ao transformar os acontecimentos em material jornalístico e a partir disso verificar se as notícias são espetaculares através da análise de cinco capas do jornal Zero Hora.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo da UPF, email: verarebonatto@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UPF; Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, email: sobertol@upf.br.

Capa do dia 28 de janeiro: midiatização dramatiza acontecimento



A capa no dia seguinte a tragédia é de inquietações e silêncio, pois há uma fotografia apenas sobreposta sobre um fundo preto que se repete também na contracapa. A capa em análise, sobre o Paradigma Linguístico Semiótico, é signo – aquilo que sobre certo modo representa algo para alguém (FISCH, 2.228, *apud* SANTAELLA, 2008, p. 12) – da tragédia de Santa Maria. A tragédia ao ser midiatizada pelo Zero Hora provoca efeitos na mente do leitor, são os interpretantes (TEMER e NERY, 2009, p. 145).

A fotografia é de uma linguagem universal que representa, informa e produz sentidos. Roland Barthes em, *A câmara clara*, se convence de que toda fotografia é representação de um fato ocorrido, desse modo, segundo ele, “o que a fotografia reproduz até o infinito só acontece uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 12). Já é possível observar que o veículo midiatiza a tragédia de Santa Maria dando total atenção e destaque pela fotografia que publica.

A fotografia reproduz o instante em que uma moça debruça-se sobre um caixão – isto é, portanto, o Interpretante Imediato da capa, que é o objeto como pensamos que ele é (TEMER e NERY, 2009, pp. 148-149). Para reforçar o sentimento de dor emocional comunicado pela imagem a cor e a luminosidade foram fundamentais. A fotografia revela um contraste entre o claro e o escuro e ressalta, assim, o assunto principal sobre os demais elementos da composição que se define como a moça debruçada sobre o caixão. Este representa a morte e orienta o percurso do olhar sobre a imagem já que aparece à frente desfocado e com pouca luz.

Outro elemento que consta na fotografia é o chapéu que a moça usa. Esse pode ser interpretado neste contexto como um Legi-signo (uma lei, uma ideia ou lógica estabelecida

pelo ser humano, conforme TEMER e NERY, 2009) da cultura sulina. O chapéu faz parte da indumentária gaúcha e, por isso, a escolha pela publicação dessa foto é inteligente porque Zero Hora, assim, comunica que é o Rio Grande do Sul que está em luto pelos mortos de Santa Maria.

Com a interpretação do processo comunicativo estabelecido pelo Zero Hora, fica evidente que a midiática desenvolvida, isto é, a maneira como o veículo age ao dedicar a capa inteira à tragédia é de dramatizar o acontecimento. A capa pôster é própria para provocar um impacto com o apelo que é essencialmente visual e influencia na decisão de ler, que segundo Deodoro Moreira (MOREIRA, 2013) depende dos atrativos que a compõe.

Dessa forma pode-se dizer através da análise semiótica empreendida, que a midiática deste fato em particular feita pelo jornal Zero Hora, conduziu seu leitor no sentido de fazê-lo sentir-se envolvido dramaticamente. Essa afirmação é possível porque a capa não apresenta elementos específicos sobre o incêndio na boate, mas o que é consequência e sequência do acidente: faz referência à morte e, assim, ao ritual fúnebre e a dor da perda de entes queridos. O leitor sente-se envolvido dramaticamente, pois a fotografia e as cores da capa induzem-no a ser empático, uma vez que é apresentada uma moça curvada sobre um caixão.

Capa do dia 29 de janeiro: midiática deixa implícita a responsabilidade pelo acidente



Dois dias após a tragédia o Zero Hora faz referência à homenagem prestada as vítimas e aponta que falhas e erros banais foram às causas do que ocorreu em Santa Maria. Jacques Aumont (AUMONT, 1993) afirma que as imagens contêm informações visuais sobre o mundo inclusive em aspectos não visuais. Na imagem capa da edição não se

visualiza nenhum corpo, nenhum morto, mesmo assim é forte a menção a eles pelos elementos fotografados o que comprova a afirmação de Aumont.

Na fotografia que é uma representação, como afirma Gui Debord (DEBORD, 1997), de homenagens aos mortos se percebe alguns elementos carregados de expressividade humana. Lauro Alves registrou a colocação de flores e mensagens na calçada em frente à boate Kiss. Traçando uma linha na diagonal (do canto superior direito ao canto inferior esquerdo) constatam-se situações opostas em um mesmo ambiente: de um lado a destruição – com a fachada da boate deteriorada – e de outro a vida e própria fragilidade dela presente nas flores e na mulher que as deposita. É forte, assim, a relação de dualidade presente no registro fotográfico.

A fotografia publicada dramatiza o acontecimento, pois os elementos que a compõe repetem a mesma informação, a de ausência e morte. Essa repetição, conforme Silva (SILVA, 2013), é característica da arte dramática tornando-se um espetáculo e sendo responsável por produzir efeitos no público espectador entre eles o de angústia o que se caracteriza como Interpretante Dinâmico no intérprete (efeito direto realmente produzido pelo signo em um intérprete, conforme TEMER e NERY, 2009, p. 149). Enquanto na capa o dia anterior o luto pelos mortos era presença forte, nesta o preto do fundo dá lugar ao branco porque se volta ao evento pós-tragédia.

Fica implícito o posicionamento do jornal na combinação das informações do título com as da linha de apoio. No título o Zero Hora chama de banal o que, na linha de apoio, é apontado por especialistas. A falta de mais saídas na boate, de rotas de fuga, alarme, iluminação e sinalização de emergência, exigências técnicas para o funcionamento de estabelecimentos públicos, são apontadas como sendo as falhas e erros banais que causaram a tragédia.

Percebe-se que das cinco chamadas presentes na capa, três delas são caracterizadas de um teor mais judicial que as outras duas. É possível constatar que as três primeiras voltam-se mais aos mortos, uma vez que com o ocorrido várias pessoas morreram e principalmente por isso se busca respostas, e as outras duas para os sobreviventes. Essas representações signíficas são tidas como os Interpretantes Imediatos, pois os signos textuais representam acontecimentos noticiosos.

De modo geral o veículo midiática na capa, isto é, age, deixando implícito seu Objeto Dinâmico de que a responsabilidade pelo acidente que, até o fechamento da edição, teria matado 230 jovens, é de organizações públicas e até que isso de fato seja confirmado

ou não pelas investigações os sobreviventes prestam homenagens e tem a saúde ameaça. O Objeto Dinâmico é “o objeto real. É o objeto como ele é. É o próprio fenômeno” (TEMER e NERY, 2009, pp. 148-149)

Capa do dia 30 de janeiro: midiaticização sugere que informações são negadas



Enquanto nos dois primeiros jornais da semana a midiaticização desenvolvida, ou seja, o agir da mídia ao noticiar o assunto, foi muito mais de dramatização do que de um relato “imparcial”, nesta edição o eixo da midiaticização desenvolvido é de ataque, é mais crítico.

Três elementos distribuídos em uma linha vertical centralizada na capa comunicam a crítica e a cobrança do veículo sobre os bombeiros e a prefeitura de Santa Maria. São eles: “Tragédia em Santa Maria”, na parte superior, “Jogo de empurra”, centralizado, e a fotografia onde se lê “Justiça” na parte inferior da capa. Em paralelo, na parte superior direita e esquerda, é publicado o que os órgãos criticados teriam dito com relação ao ocorrido o que equilibra esteticamente com os outros elementos e reforça a cobrança do jornal.

Mesmo que não estivesse destacado o veículo teria público garantido para adquirir o jornal e conferir as matérias. Essa certeza se dá pela afirmação e Jorge Pedro Sousa (SOUSA, 2013 a, p. 36) que diz que a atenção das pessoas recai sobre a política, conflitos, descobertas, invenções, tragédias, fenômenos insólitos, temas que antigamente também atraíam a atenção das pessoas.

A midiaticização que o veículo faz ao agir dessa forma sugere que por trás há informações negadas ao veículo pelo fato de atacar bombeiros e prefeitura colocando-os frente a frente com chamadas que, embora sejam Objetos Imediatos (o objeto como

pensamos que ele é, segundo TEMER e NERY, 2009, pp. 148-149) e índices característicos da Secundidade, possuem um sentido pejorativo que induz uma interpretação no nível da Terceiridade. Enquanto a Primeiridade diz respeito ao signo em relação a si mesmo A Secundidade é estabelecida pela relação do signo com o objeto e a Terceiridade é a esfera em que todo o intérprete está destinado a chegar se levar a diante o raciocínio que se propôs (SANTAELLA, 2005).

De fato, parece que os órgãos que trocam acusações tentam se defender. Zero Hora é estratégico ao publicar as informações de ataque porque assim consegue com que a população faça o mesmo jogo de colocar as organizações frente a frente e apoiar o veículo que critica. Zero Hora é ainda mais estratégico quando publica que “...população deveria ter cuidado com o lugar que frequenta” porque assim consegue apoio para os questionamentos às organizações. A manifestação favorável do leitor para com as afirmações do veículo é entendida como o Interpretante Imediato da capa.

Essa sensação de silêncio expressa na capa tem reforço na cor de fundo: cinza. As cores produzem sensações – desenvolvem, portanto, o Interpretante Dinâmico. Coincidência ou intencionalidade, a cor cinza em semiótica expressa o silêncio. Essa cor e esse silêncio tem continuidade na fotografia que consta na capa. De uma tonalidade de cinza quase idêntica a de toda a capa, a imagem de também tem elementos que comunicam isso.

A escolha do Zero Hora em publicar a imagem foi bem pensada, pois o fotógrafo enquadrando somente a cabeça de estudantes, que protestavam em frente à delegacia que investigava o incêndio, sem que uma boca estivesse se mexendo. Dois deles, inclusive, olham para cima. Em um plano um pouco superior a eles lê-se “Justiça” em um cartaz; o estudante centralizado na imagem, além de quieto e estar olhando para cima, ainda ergue o braço e aponta o dedo. Essa combinação que o veículo faz é perfeita porque acima da imagem, na direção em que o estudante aponta, está a chamada para a matéria interna sobre as acusações trocadas entre prefeitura e bombeiros, chamada intitulada de “Jogo de empurra”. E, além disso, pode ser interpretado, ainda, que acima das acusações e da justiça terrena, está a Justiça Divina, pois é como se o dedo apontado para cima sugerisse a afirmação popular “Deus está vendo...”. A fotografia, portanto, embora possa ser classificada como Índice (que existe uma conexão entre o signo e o objeto), combina elementos entendidos como um Argumento (signo de raciocínio lógico, com certezas, e que sugere uma conclusão verdadeira) da Terceiridade (TEMER e NERY, 2009).

Dessa forma a midiaticização que o veículo faz do acontecimento é a de colocar, implicitamente, opinião sobre o acontecimento contemplado pelas pessoas para que também cobrem as responsabilidades pelo acidente sendo este o Objeto Dinâmico da edição expresso na capa.

Capa do dia 31 de janeiro: midiaticização induz leitor



A edição de número 17.281 é a primeira, em quatro dias, a apresentar uma capa com assuntos diversos que não somente a tragédia ocorrida na boate Kiss. Sobre a tragédia, Zero Hora dedicou meia capa com uma fotografia e cinco chamadas. A outra meia capa é composta de chamadas da editoria de Esportes, Política e Polícia.

A cor preta, mais uma vez, é utilizada para referir-se a essa pauta. O preto é plano de fundo para uma foto publicada e uma chamada com linha de apoio que faz referência a imagem. Zero Hora comunica que nas páginas internas o assunto a ser desenvolvido é sobre pessoas que ao auxiliar no socorro às vítimas foram capturadas por um olhar fotográfico. Esse é o Objeto Imediato. Zero Hora faz uma análise de seu próprio corpus ao publicar a fotografia, que também foi contracapa no dia 28 de janeiro.

Roland Barthes (BARTHES, 1984) afirma que uma fotografia registra tudo aquilo que aconteceu fazendo do momento passado uma realidade no momento presente, sobrepondo-se ao poder da representação em que não é possível acrescentar nada a ela. Para Barthes a fotografia também é violenta porque nada pode recusar-se ou transformar-se. A imagem apresentada na capa é, por isso, chocante por que é crua, assim como denomina Barthes ao falar de fotografia.

A imagem é um Ícone (conforme TEMER e NERY, 2009, refere-se à semelhança entre o signo e o seu objeto), pois sugere a representação dos apuros do momento e a ação humana impulsiva. Mesmo com viaturas do Corpo de Bombeiros em frente à boate, um homem corre com um estudante nos braços. Isso, na esfera da Primeiridade, nos sugere que possivelmente as viaturas já estavam lotadas e, leva-nos a concluir que, no impulso, o estudante é carregado para o socorro. A imagem choca porque o olhar é direcionado de imediato para este ponto da fotografia, já que o fotógrafo o centralizou e em torno enquadrando outras pessoas correndo provavelmente em função desse estudante e desse homem; no ângulo registrado também está um casal que olha para a cena. A imagem é crua e choca por mostrar o desespero humano.

É sobre as pessoas fotografadas que a matéria trata e quanto a isso a linha de apoio é clara: “ZH conta quem são as pessoas que aparecem na imagem que correu o mundo logo após o incêndio em Santa Maria”. É clara aqui a dramatização feita, pois a fotografia é diagramada um pouco inclinada para chamar a atenção de quem vê a capa, a utilização das palavras *personagens* e *dramática*, além da própria imagem, também sensibilizam o leitor e fazem com que a pauta seja capaz de provocar catarses.

A clara intenção de Zero Hora ao midiaticizar o fato desta forma, é de induzir o leitor, com o Objeto Dinâmico que desenvolve, a pensar que os profissionais foram incompetentes, já que se tratando de bombeiros e, portanto, sabedores de normas e legislações, tinham a obrigação de desenvolver um trabalho correto. A indignação parece ser um sentimento provocado no leitor, já que a linha de apoio é finalizada com a informação de que a investigação policial irá apontar se a empresa dos bombeiros também está envolvida na elaboração do plano contra incêndio. Essa afirmação é ainda mais poderosa porque faz o leitor aumentar esse sentimento e pensar que a falta de responsabilidade é maior do que inicialmente imaginado, sendo este o Interpretante Dinâmico que o leitor está apto a desenvolver em sua mente.

Abaixo das duas matérias mais destacadas na capa, três chamadas. Uma parece resposta as críticas e cobranças do jornal: “Schirmer: A prefeitura não tem nenhuma responsabilidade”. Schirmer é o prefeito de Santa Maria. Novamente Zero Hora utiliza nome próprio em título, algo pouco frequente em redações jornalísticas. Nota-se que o texto é uma defesa do prefeito não havendo intermediações do veículo, apenas a identificação do autor da fala.

A segunda chamada aponta que entre os mortos havia 174 pessoas entre os 18 e 26 anos de idade, eram jovens e por isso também sensibiliza quem lê. A outra chamada, “Liminares mantêm abertas cinco casas noturnas em Porto Alegre”, já é outro desdobramento que ocorre após a tragédia. Esse enunciado aponta que os veículos de comunicação são hoje um palco de debates, pois são eles que trazem para o centro de discussões questões latente na sociedade que consideram importantes de serem debatidas, é o que ocorre aqui. A chamada sugere-nos que em função do acidente na madrugada de domingo, a Justiça apertou o cerco em torno do funcionamento de casas noturnas. O que deveria ser uma cobrança de órgãos responsáveis é pressionado pelos veículos de comunicação que assim mostram sua força como Quarto Poder que são.

Capa do dia 1º de fevereiro: midiatização destaca elementos da arte dramática



Nesta capa novamente o destaque das pautas na metade superior. Em primeiro plano a chamada para matéria publicada no caderno destinado ao público jovem, abaixo e em fonte de tamanho maior chamada relacionada à investigação e com destaque inferior está a chamada para os resultados da perícia.

Título, linha de apoio e imagem ilustrativa fazem uma única referência: a ausência dos jovens que frequentaram a Kiss pela última vez. A imagem encontra-se em Secundidade, pois, sendo referencialidade, indica uma conexão entre o signo e o objeto que representa. É de um banco, com um pedaço de céu ao fundo, posto ao sol e que produz sombra para o lado onde a chamada é publicada. “Os vazios que a tragédia deixou” é a chamada com “Nos bancos, nos bares, nos quartos. Jovens falam sobre a saudade dos amigos mortos no incêndio da Kiss” como linha de apoio. As informações textuais são

classificadas como um Argumento e como um Sin-signo. Argumento é a chamada por possui um tom impositivo e, portanto, de certeza; enquadramos à Sin-signo a linha de apoio, pois se trata de um acontecimento os jovens falarem sobre a saudade dos amigos mortos. Um Sin-signo é um signo que é existente ou mesmo um acontecimento real ou uma sensação (TEMER e NERY, 2009).

Os atrativos desse destaque na capa são elementos que podemos considerar da arte dramática. É possível constatar que o banco vazio refere-se a quem está morto, à ausência, remete ao céu já que também tem nuvens ilustrativas. Isso é dramático porque mexe com o sentimento do leitor que inconscientemente vai associar os elementos a uma dimensão de vida após a morte, independente da religião, pois esses aspectos estão inseridos na cultura. Para complementar essa ideia comunicativa o texto faz o reforço com a utilização das palavras *vazios*, *saudade* e *amigos*.

A segunda das três chamadas é uma continuidade da pauta já explorada durante a semana. Nesta capa fica claro que o veículo insiste na discussão em torno do envolvimento de bombeiros no plano contra incêndio da boate. Na linha de apoio há o reforço do que também já parece ter sido intenção em capas anteriores: a de levantar a hipótese de que o acidente aconteceu por irresponsabilidade de quem deveria cumprir regras e, pior ainda, por favorecimento.

E na sequência a terceira chamada, publicada com uma imagem em plano detalhe de um policial segurando um pedaço de espuma, apresenta-se como resultado de uma possível sucessão de erros. Mesmo as informações publicadas, em sua maioria, na esfera da Secundidade, quando relacionados os signos aos objetos que representam, enquadram-se à Terceiridade, são argumentos, pois fica implícito uma conclusão verdadeira do pensamento lógico do leitor: pessoas que deveriam cumprir regras falharam, inclusive permitindo a utilização de material impróprio para o ambiente, por isso tantas mortes.

Identifica-se nessa capa o Interpretante Imediato como sendo as próprias manchetes publicadas; o Interpretante Dinâmico o desenvolvimento de sentimentos pela utilização de elementos da arte dramática. Os objetos, Imediato e Dinâmico, referem-se tanto as simples informações do relato jornalístico como também o de induzir o interprete a conclusão de que falhas ocorreram quase que propositalmente. Ao somar os elementos que essa meia capa apresenta percebe-se que são menos dramáticos que em capas anteriores, mas nem por isso as catarses provocadas deixam de existir.

Considerações finais

Configura-se em uma realidade seletiva a prática jornalística de produção de notícias. Essa constatação é dada pelo fato de que as informações noticiosas quando transformadas em mercadoria de um veículo de comunicação, partem de um pressuposto de seleção sobre aspectos que interessam ao veículo e, claro, sobre a perspectiva do jornalista que é testemunha e relator dos fatos que midiaticiza. Ao identificar um acontecimento, o jornalista, de imediato, já atribui importância ou não a partir de uma classificação de valores.

No caso deste objeto de estudo foram identificados quatro principais valores de noticiabilidade que classificaram a tragédia de Santa Maria como a mais importante de ser informada à sociedade pelo destaque em capas do jornal. O impacto, a raridade, a proximidade e o evento trágico ou dramático são valores que predominam no acontecimento midiaticizado.

O que aconteceu na madrugada do domingo 27 de janeiro no Centro do estado gaúcho é considerado impactante pelo número de pessoas envolvidas no fato e também afetadas por ele. É um acontecimento raro, uma vez que nesta proporção trágica é o segundo maior da história brasileira. Tamanho destaque dado nas páginas do impresso também é atribuído à proximidade, no caso geográfica, pois o jornal é gaúcho assim como também é a cidade de Santa Maria. E é claro que se tratando de uma tragédia o público leitor já poderia esperar publicações midiáticas porque, como afirma Jorge Pedro Sousa (SOUSA, 2013 a, p. 36), os eventos trágicos atraem a atenção das pessoas desde a antiguidade.

Seria ingenuidade não pensar na audiência que os veículos teriam com a pauta. É por isso que se afirma que as notícias são informações mercadológicas com apelos atrativos ao público. Fabiane Moreira (MOREIRA, 2013a) diz que jornalismo trabalha com efeitos para envolver os enunciatários, assim os acontecimentos são realidades construídas muito mais do que retratadas.

O que caracteriza uma notícia como sendo a retratação, a espetacularização ou sensacionalismo é a forma como os veículos agem ao divulgar os acontecimentos. Quando a mídia apropria-se de uma temática da sociedade e a constrói seletivamente, introduz a própria intenção mesmo que esta não esteja escancaradamente estampada. A midiaticização desenvolvida pelo jornal Zero Hora nas capas analisadas revela, através de uma análise

semiótica, a produção de espetáculos com intenções persuasivas que estão além da simples prática narrativa.

Todas as capas remetem a um único objeto: a tragédia de Santa Maria. Essa é uma primeira constatação a partir da análise empreendida. Percebe-se que há nas capas ênfase em apontar causas e culpados pelo acidente. As entrelinhas dessa mediação desenvolvida subentendem um objeto diferente do senso comum.

As capas estão detidas em Secundidade, pois se tratam, de um modo geral, de uma narrativa, apresentam dados concretos, embora alguns elementos se encontram em Primeiridade e Terceiridade. Em Primeiridade quando são apenas possibilidades ou Peirce referem-se ao sentido, na segunda ao significado e na terceira à significação.

Identificados os elementos na análise de cada capa, a Ciência dos Signos direcionamos aos objetos e interpretantes da notícia mediada de 28 de janeiro a 1º de fevereiro. Fica evidente que o Objeto Imediato das cinco capas é a tragédia de Santa Maria e seus desdobramentos. Implícito nas publicações está o Objeto Dinâmico que se apresenta como o ataque a pessoas e organizações públicas.

As análises de cada capa apresentaram como as informações foram apreendidas pela mente dos leitores do ZH, mas para que fique claro são retomados aqui os interpretantes dos objetos desenvolvidos.

O Interpretante Imediato, como o conceito enuncia, é tudo aquilo que o signo está apto a desenvolver quando captado pela mente; são todas as reações desenvolvidas a partir do momento em que a informação é captada. Desse modo, esse interpretante está na esfera da Primeiridade e, portanto, todas as qualidades, possibilidade relacionadas à percepção da tragédia fazem-no parte.

Se o primeiro refere-se às reações, o segundo, isto é, o Interpretante Dinâmico corresponde ao efeito produzido pelos signos. Assim, como está na esfera da Secundidade, o sentimento de dor, de angústia ou mesmo de revolta que as informações contidas na capa podem provocar, caracterizam-se como sendo um efeito desenvolvido na mente do interprete/leitor.

No nível da Terceiridade encontra-se o resultado interpretativo ao qual todo o interprete está destinado a chegar, o Interpretante Final. Este interpretante é atingido a partir do que é captado e relacionado a outras coisas, assim é possível afirmar que a mediação atribuída à tragédia de Santa Maria nas capas do impresso Zero Hora foi espetacularizada de tal modo que os interpretes, ou leitores, pudessem perceber a informação, sensibilizar-se

com ela e tomar um partido possivelmente desejado pelo veículo. Fica clara a intenção de fazer os leitores atacar, ou mesmo criticar, e desconfiar das organizações e pessoas envolvidas com o funcionamento da casa noturna induzindo-os a pensar que essas teriam “culpa no cartório”, ou seja: o veículo induz o leitor a pensar que tamanha tragédia aconteceu por irresponsabilidade e negligência do poder público. O que não pode ser considerada uma prática incorreta, uma vez que uma das funções do jornalismo, além de informar sobre os fatos, é a de formar opinião.

O veículo age de forma a se caracterizar como um palco porque traz para o debate questões que estão além da retratação dos fatos, coloca para a discussão a responsabilidade pelo funcionamento de locais públicos e os critérios como o plano contra incêndio. Assim determina o que deve ser discutido na sociedade e cobrado da Justiça porque através dos elementos que utiliza tem o público como aliado.

Nas capas do Zero Hora a notícia aparece espetacularizada, pois, como define Debord (DEBORD, 1997), funciona como um modo de atração. A notícia atrai pelas imagens em destaque, pelas cores utilizadas e pela forma com que o texto foi construído. Como o modo de produção econômico vivido no Brasil é o capitalista, pode se deduzir que o Zero Hora utilizou de tais elementos para disputar a atenção do público em meio à concorrência de outros veículos e das informações que circulam na própria sociedade.

O espetacular da notícia midiaticizada também aparece no fato de que as informações foram repetidas no decorrer das cinco capas analisadas. É possível perceber que elementos da arte dramática como a repetição de cores, a construção de um texto que induz o leitor a desenvolver sentimentos estão presentes em todas as capas e em algumas delas mais que uma vez. Importante ressaltar que a repetição de informações com a intenção de fazer o leitor/interprete/receptor atingir o Interpretante Final pretendido pelo Zero Hora não se configura como uma prática sensacionalista, pois as capas não apresentam a exploração do interesse humano, a simplificação ou banalização – características apontadas por Franciscato (AMARAL, 2006, p. 21 apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p. 3).

A conclusão a que se chega com o desenvolvimento dessa pesquisa é a de que a tragédia de Santa Maria foi midiaticizada de modo que aos consumidores de notícia foi representada – e não apresentada – dramaticamente possivelmente com a intenção não só de informar, mas de formar um posicionamento semelhante ao do veículo presente implicitamente nas publicações. Pode-se dizer, assim que a mídia configura-se como uma instituição que difunde e influencia campos e instituições de toda a sociedade.

Referências

ALMEIDA, Cosma Ribeiro de; MORAIS, Fabiano Ferreira de; ROCHA, Eptácio Germano Araújo. *Jornalismo Espetáculo ou o espetáculo no jornalismo: o caso da notícia política na Paraíba*. Disponível em:

< <http://coopex.fiponline.com.br/images/arquivos/documentos/1321624854.pdf> > Acesso em 2 abril. 2013.

AUMONT, Jacques; Tradução: ABREU, Estela dos Santos; SANTORO, Cláudio C. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. *Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Documento disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6564/pdf> > Acesso em: Outubro 2013.

KLEIN, Otavio José. *A notícia em rede: processos e práticas e produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

MOREIRA, Deodoro. *11 de setembro de 2001: Construção de uma Catástrofe nas Primeiras Páginas de Jornais Impressos*. 2013. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.html> > Acesso em: 04 abril 2013.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. *Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo e O Globo*. 2006.

Documento disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=1>> Acesso em 04 de abril 2013 a.

SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 2. reimpr. da 1. Ed. de 2000.

SILVA, Ana Regina Teixeira. *Cotidiano e telejornalismo: A representação dos acontecimentos entre o sublime e o trágico*. Documento disponível em: < <http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/2df1ce97f620100303070957.pdf> > Acesso em 29 agosto 2013.

SOUSA, Diógenes Lycarião Barreto de. *O uso do ciberespaço pela sociedade civil e a hipótese de superação da teatralização de assuntos políticos*. Documento disponível em: <
http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Sousa_2006.pdf > Acesso 29 agosto 2013.

TEMER, Ana Carolina Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. *Para entender as Teorias da Comunicação*. Uberlândia: EDUFU, 2009. 2ª ed.